

Prefácio

O aprendizado da Força: a formação do Soldado da Polícia Militar de São Paulo resulta de quatro intensos anos de pesquisa de Thomas Monteiro no doutoramento em Ciências Sociais na UNICAMP. Tive o privilégio de ser sua orientadora. O tema não podia ser mais apropriado: uma reflexão densa, com trabalho de campo e uma análise singular que integra elementos etnográficos e historiográficos na análise dos processos formativos de soldados policiais da PMESP. A forma como Thomas consegue demonstrar as complexidades envolvidas nesses processos revela como as ciências sociais podem, de modo brilhante, ir além de pesquisas frias e orientadas por dados construídos no distanciamento das realidades vividas nos mundos sociais.

Thomas nos demonstra como a falta de um norte claro na formação dos policiais de base em São Paulo reflete não apenas a resistência a reformas e disjunções da segurança pública, como um todo, na transição democrática brasileira. Esses são dados já amplamente discutidos na literatura da especialidade. O autor do livro que irão ler nos demonstra, em uma análise cuidada da construção curricular, das teatralizações no ensino e das performances institucionais, o acoplamento de matérias e de conteúdos que, juntos, vão oferecendo um mosaico muitas vezes desarticulado de símbolos, saberes e aprendizagens aos policiais. O curso se sustenta em um programa de estudos que é uma manta de retalhos onde se anexam influências políticas em diversos tempos e com diversos objetivos, muitas vezes contraditórios entre si.

Mais do que a voz dos sujeitos da formação, esta obra se estende e se aprofunda nas estruturas e práticas formativas, no que ocorre nas salas de aulas, um domínio do conhecimento que faltava explorar e que é aqui refletido de forma robusta. Somos assim transportados a um universo de ambiguidades profissionais. A questão da violência, impressa na formação dos soldados, é analisada em suas dimensões culturais, morais e profissionais. Não se trata tanto de perspectivar a violência policial na formação como moldura de sentidos, valores e ideologias de caserna, subculturas ou a denúncia de um currículo oculto. Thomas percorre os itinerários plurais das práticas mais centrais do ensino e suas didáticas. Neste livro sobressai a plasticidade nos modos da formação policial e a abertura ao “estranho” mundo das ruas que, nas análises ansiosas por encontrar os fechamentos críticos organizados em uma roupagem identitária militarista, tendem a ser esquecidos.

É em suas sutilezas que esta pesquisa inova. Vamos ler sobre um treino prático, muito mais aberto do que fechado no uso das técnicas policiais, deixando uma margem para a interpretação e escolhas pessoais morais impressionante – e até bastante imprevista. Imprevista na medida em que os processos de formação se articulam menos como uma “lavagem cerebral” e muito mais como uma moral individualista, um “salve-se quem puder porque lá fora é a selva mesmo”. Nessa medida, vamos ler sobre uma heroicidade cerimonial e ritualizada, mas nem sempre fechada em suas articulações ideológicas. Vamos ler sobre o desejo de distinção regional na representação policial nacional. Vamos finalmente perceber como as cerimônias de homenagem à chamada “Revolução de 1932” se traduzem numa heroicidade regional, estatal, que

resgata o papel do policial pela ordem simbólica do “estado-locomotiva” do Brasil. Policiais se apresentam como fazendo parte de uma narrativa de resgate do nacionalismo paulista. Mais do que a virtuosidade da guerra, a didática do orgulho regionalista pretende tornar os policiais militares atores incontestados e os legítimos defensores de um estado da nação e de sua corporação.

Os soldados policiais vão assim para as ruas com um mapa de ideias, morais e experiências práticas que, mais do que organizá-los para o policiamento, de certa forma os desorganiza e os deixa abertos a experiências que consideram inevitavelmente violentas. A ideia da imprevisibilidade do risco, ameaça constante e as respostas discricionárias acabam por ocupar e saturar todo o universo de referências das abordagens simuladas. Thomas nos evidencia assim, com esta excelente monografia etnográfica, que ser policial militar no Brasil tem relação direta com a comunidades policiais imaginadas em estados, regiões, cidades do risco, tanto quanto com o espírito militar ou o espírito de corpo militar. Este é um livro que certamente marca uma nova orientação nos estudos sobre formação e pedagogias policiais. Todos os que se interessam por temas policiais não o deverão ignorar.

Susana Durão

Professora de Antropologia, IFCH-UNICAMP
Coordenadora da Secretaria de Vivência nos Campi,
UNICAMP